

Empresas

“Ele sempre sonhou recuperar a YPF para a Argentina, sempre, sempre” Empresas 16

JOSÉ CARVALHO NETO, LÍDER DA CONTINENTAL MABOR

“2012 vai ser um novo ano recorde”

A Continental Mabor, uma das cinco empresas do grupo em Portugal, tem um novo líder que promete reforçar o peso da 5ª maior exportadora nacional

RUI NEVES
ruineves@negocios.pt

A Continental Mabor, que registou um crescimento extraordinário de 25% nas vendas, para 744 milhões de euros em 2011, prevê ultrapassar os mil milhões dentro de dois anos. Uma cifra cabalística já praticamente atingida pelo grupo alemão em Portugal, onde controla mais quatro empresas e emprega mais de 2.100 pessoas. José Carvalho Neto, que está de regresso à liderança da segunda maior fábrica de pneus do grupo na Europa, fala também sobre os resultados, os novos grandes investimentos (140 milhões de euros) e a “excelência” que se produz na unidade de Lousado.

É novamente presidente da Continental Mabor, cargo que ocupou entre 1996 e 2000. Passou na altura a “pasta” a Lopes Seabra, a quem agora sucede. Que leitura faz da herança que deixou face à que agora herda?

Deixei uma boa herança. Eu e equipa, da qual o eng. Lopes Seabra fazia parte, entre os anos 1992 e 1996, fomos capazes de fazer uma grande mudança dentro da fábrica, tendo sido administrador e responsável pela execução do primeiro projecto de reestruturação com a Continental. E durante o período de 1996 a 2000, a fábrica esteve sempre a crescer e a melhorar os seus resultados, nomeadamente em termos de rentabilidade. Era, obviamente, uma fábrica mais pequena, de tecnologia não tão avançada como é neste momento, mas já com rentabilidades da ordem dos 23% de resultados líquidos sobre vendas. Diria que era um barco a navegar

bastante bem. E eu herdei uma fábrica bastante maior, com tecnologia mais avançada e com pessoal bastante mais qualificado.

O que é que faz a casa-mãe alemã continuar a apostar fortemente, através da aprovação de sucessivos planos de expansão, na unidade de Lousado?

A casa-mãe habituou-se a ter muita confiança na fábrica e nos resultados de Lousado, a vê-la ultrapassar sempre os objectivos que lhe eram impostos e a ter uma grande preocupação com o desenvolvimento dos recursos humanos. Esta fábrica, que em 1992 era receptora a 100% do “know-how” e da colaboração externa, é hoje uma grande fornecedora de mão-de-obra bem qualificada e das que mais apoia as outras fábricas do grupo. E é óbvio que os resultados obtidos em termos de produtividade, eficiência, rentabilidade e qualidade, dão esta confiança à Continental.

Continua a ser a melhor fábrica do grupo em termos de produtividade?

É a melhor das 16 fábricas de pneus do grupo.

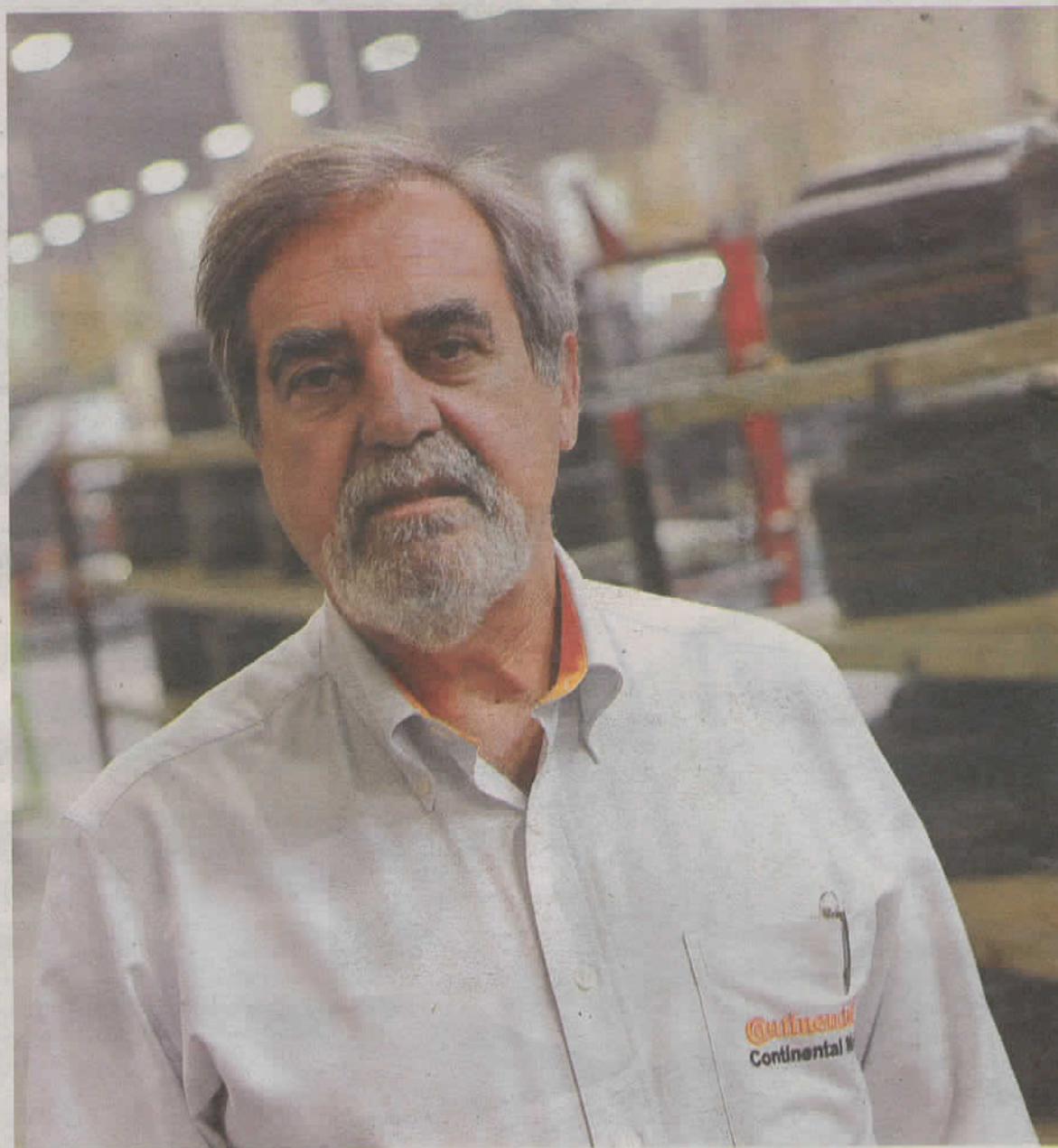
Quanto é que a empresa facturou no ano passado?

744 milhões de euros, mais 24,7% face aos 597,2 milhões do ano anterior.

O que estava previsto era bem menos do que isso, certo?

Sim, 600 e qualquer coisa. Isto deveu-se a uma parte final do ano bastante boa em termos de um aumento de produção e de vendas.

E quantos pneus foram produzidos?



A “casa-mãe” habituou-se a ver esta fábrica a ultrapassar sempre os objectivos que lhe eram impostos.

O resultado foi de 163,7 milhões e vamos pagar 58,8 milhões de euros de impostos.

16,4 milhões, mais 8% face aos 15,1 milhões em 2010.

O nível de exportações, “ranking” em que é detentora da quinta posição, continua a rondar os 97%?
Cerca de 97,3%.

Quanto valem os remanescentes 2,7% em termos de quota de mercado em Portugal?
Cerca de 22%.

E qual foi o resultado líquido da Continental Mabor em 2011?

Foi de 163,746 milhões de euros, mais 11,4% do que os 148,860 milhões registados em 2010. Trata-se de uma rentabilidade sobre as vendas da ordem dos 22%. Houve uma grande melhoria do nosso valor acrescentado bruto (VAB): 416 milhões de euros, mais 55% do que no ano anterior. E o “cash flow” atingiu os 185 milhões de euros, contra 171 milhões em 2010. E vamos pagar de impostos [em IRC] 58,8 milhões de euros.

Qual é a meta de facturação a atingir este ano?

Como é evidente, estamos sempre dependentes do mercado. Aquilo que temos neste momento como previsão é que 2012 vai ser um novo ano recorde. Se extrairmos os factores externos, diria que iremos facturar mais 70 a 100 milhões de euros.

Ultrapassar então os 800 milhões de euros...

Claramente, sendo que o meu objectivo pessoal é chegar aos 850 milhões de euros.

Quanto é que o grupo alemão já investiu em Lousado?

Cerca de 420 milhões de euros.

Tem entretanto em curso um novo investimento de 70 milhões de euros...

Um pouco mais: cerca de 78 milhões de euros.

Em que fase está este projecto e quais são os objectivos a atingir?

Estamos a receber os primeiros equipamentos, devendo o investimento ficar concluído no final de 2013. Temos o objectivo de atingir uma produção de 17 milhões de



Paulo Duarte

PERFIL

ZÉ BRASILEIRO PORTUGUÊS DO BENFICA AXADREZADO

Filho de pai português e mãe brasileira, nasceu no Rio de Janeiro a 3 de Julho de 1945. A viver em Portugal desde os 11 anos, entrou na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto em 1964. Chegou a cursar Engenharia Química, que viria a suspender para cumprir o serviço militar, entre 1967 e 1969. Ainda voltou aos estudos, mas acabaria mesmo por não tirar o "canudo". Resultado: ainda hoje é tratado por "senhor" José Carvalho Neto. E gosta. Entrou na Mabor em 1970, como chefe de pessoal, e aqui se manteve durante 30 anos consecutivos, tendo nos últimos quatro presidido aos destinos da Continental Mabor. Depois foi liderar, durante dois anos, a Continental no México. Saiu então do grupo alemão e aceitou trabalhar directamente com Américo Amorim, de quem foi um dos seus mais próximos operacionais e com quem partilha o facto de também ter três filhas. Aos 66 anos, Neto está agora de volta à liderança da Continental Mabor. Mora no Porto mas não troca os "v" pelos "b"... Não? É adepto do Boavista e do Benfica.

“Amorim cruzou os braços e disse: ‘Acho que faz mal’”

Quando e de que forma surgiu o convite da Continental para regressar à presidência do grupo em Portugal?

Eu e o eng. Lopes Seabra [seu antecessor na Continental Mabor] almoçávamos juntos todos os meses, e um belo dia, em Outubro passado, ele falou-me que estava a pensar ir para a Ásia. Com dificuldades em encontrar alguém [para o substituir no cargo], pensou em mim, mas que eu estava no grupo Amorim. E eu disse: “Quem sabe?” Ele ficou muito admirado e, no dia seguinte, telefonou-me a perguntar “Aquilo que disseste ontem, estavas a brincar?” E eu respondi: “Não, não estava. Posso considerar essa hipótese”. Nesse mesmo dia ele telefonou para a Alemanha. E três dias depois, eu estava lá a ser entrevistado.

Por quem?

Por vice-presidentes do grupo. E anunciaram a sua decisão dois ou três dias depois.

Decorreu tudo assim tão rápido?

Aconteceu tudo na primeira semana de Outubro.

E quando é que anunciou a sua saída a Américo Amorim?

No final dessa mesma semana.

E qual foi a reacção de Amorim?

Disse que “não podia ser”, que nem ele nem a família “estavam a contar com isto”, com certeza que eu “iria reconsiderar”. Mas eu disse que a decisão estava tomada.

Como é que ele o tentou demover?

O sr. Américo é uma pessoa muito determinada, mas eu fui tão claro... porque eu já estava comprometido com a outra empresa. Foi quando ele cruzou os braços e disse: “Acho que faz mal!”

E disse-lhe para que empresa ia?

Não.

Mas ele quis saber, certo?

Quis saber, mas eu respondi-lhe que não estava autorizado a fazê-lo. E ele logo reagiu: “Já sei, vai ser para a Mabor!” Ao que eu respondi: “Não confirmo nem desminto.”

O senhor não lhe deu qualquer hipótese de conseguir cobrir a proposta da Continental. Ele não se sentiu traído?

Acho que não se sentiu traído. Acho que ele entendeu que era qualquer coisa de excepcional.

A minha importância na Amorim vinha a decrescer. O que a Continental me trazia era a possibilidade de “terminar em grande”.

Mas só lhe disse depois de se ter comprometido com a Continental...

Eu disse-lhe na altura que era uma proposta irrecusável e que não haveria qualquer hipótese de negociar. E como sei como ele é, tive mesmo que “fechar a porta”. De resto, faço um balanço muito positivo da minha passagem pela Amorim. Fui devidamente considerado, especialmente pelo sr. Américo Amorim.

O que é que o fez mudar de ares?

O grupo Amorim, e principalmente a área privada do sr. Américo, onde estão os activos principais, está neste momento estruturado como deve ser. Assim, a minha actuação como operacional, como homem de confiança para muitas coisas e como administrador de muitas das empresas por esse mundo fora, estava a atenuar-se. As coisas já não estavam tão dependentes de mim. A minha importância dentro do grupo vinha a decrescer. Como deveria reformar-me dentro de dois ou três anos, pensei que poderia passar no grupo por um período um bocado em “morte lenta”. Mas ia sair do grupo sem estar em plena actividade. E o que a Continental me trazia era a possibilidade de eu ter esses tais dois ou três anos para poder ‘terminar em grande’. Terminar com um belíssimo projecto, numa belíssima empresa, com desafios enormes, sendo eu a dar orientação e a estabelecer as agendas. No fundo, ser um presidente executivo.

O compromisso com a “casa-mãe” é cumprir dois anos na liderança da Continental Mabor. Quando sair, que marca quer deixar gravada na empresa? Competência.

pneus nessa altura, mas eu espero atingir 17,3 milhões ainda este ano.

E há mais investimentos em estudo. Está garantida a aprovação pela casa-mãe de um novo investimento da mesma dimensão?

Serão mais 80 a 90 milhões de euros, elevando o investimento, somadas as duas fases, para cerca de 160/170 milhões de euros. Está em discussão. Temos muito boas possibilidades de que isto venha a ser aprovado. E para arrancar em princípios de 2014.

E com esse novo investimento, qual é a meta a atingir em termos de produção de pneus?

20 milhões de pneus em 2015.

A fábrica de Lousado “habitua a ‘casa-mãe’ a ultrapassar sempre os objectivos que lhe eram impostos”. Quando é que, efectivamente, prevê atingir, em vendas, esse novo objectivo?

Vamos ultrapassar os mil milhões de euros de facturação em 2014. Estou convencidíssimo disso.

Esta fábrica fechou 2011 com 1.616 tra-

balhadores. Quantos mais prevê contratar este ano e em resultado do investimento que está em execução?

Temos 1.646 efectivos, tendo este ano sido já contratadas 30 pessoas, e cerca de 800 (indirectos) de empresas subcontratadas para prestar serviços que são considerados “no core”: limpezas, segurança, alguns trabalhos de manutenção, nos armazéns. E contamos contratar mais cerca de 50 ainda este ano. O investimento em curso prevê a criação de um total de 97 novos postos de trabalho.

A actividade da Continental em Portugal não se resume à fábrica de Lousado. O grupo alemão detém mais quatro empresas em Portugal (Continental Pneus, ITA, Continental Lemmerz e Continental Teves), duas das quais situadas próximas desta fábrica e as outras duas em Palmela. Em termos agregados, qual foi a facturação do grupo em Portugal no último exercício e quantos trabalhadores emprega?

A facturação registada foi de 991,44 milhões de euros e fechou o ano de 2011 com 2.139 colaboradores no quadro permanente.

O meu objectivo é chegar aos 850 milhões de euros de facturação em 2012 e ultrapassar os mil milhões em 2014.

Esta fábrica emprega 1.646 efectivos e cerca de 800 indirectos.